

PRÁTICAS DE LEITURA EM UMA ESCOLA DO CAMPO NO MUNICÍPIO DE CANGUÇU/RS

Lucas Gonçalves Soares*

Chris de Azevedo Ramil**

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar um projeto de práticas de leitura que vem sendo desenvolvido em uma escola do campo estadual, localizada no município de Canguçu, na região sul do Rio Grande do Sul, e também são mostrados alguns dos resultados obtidos com a turma do 5º ano que participou das atividades propostas. Com estas experiências, pretende-se compreender como a escola do campo, mesmo com as dificuldades enfrentadas, pode contribuir com o aprendizado dos alunos através de práticas de leitura literária e também de que forma a comunidade escolar pode ser integrada a tais atividades, para que se reconheça a importância da literatura na vida das crianças e dos que os rodeiam, considerando-se que os livros são fontes inesgotáveis de expressão de linguagem que permitem que os leitores explorem sensações diversas, produzam novos sentidos e aperfeiçoem seus conhecimentos a partir de suas leituras.

Palavras-chave: Práticas de leitura. Leitores. Escola do campo.

Introdução

O direito à educação é de todos, garantido na constituição federal, contudo existem muitas especificidades na sociedade. Alunos do campo, por exemplo, têm características diferentes dos da cidade e, para que eles sejam respeitados, as políticas públicas e as práticas escolares devem contemplar também ações específicas à Educação do Campo.

Ao estudarmos a história da educação brasileira, podemos perceber que os dados do campo costumam ser utilizados apenas para estatísticas e não para diferenciar políticas educacionais, como se não houvesse diferença entre o fato de o aluno estar inserido em uma comunidade urbana ou rural. A educação do campo foi tratada pelo poder público com políticas compensatórias (projetos, programas e campanhas emergenciais e sem

* Mestrando em Educação no PPGE/FaE/UFPel, sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Eliane Peres. E-mail: luks_gs21@hotmail.com

** Doutoranda em Educação no PPGE/FaE/UFPel, sob orientação da Prof.^a Dr.^a. Eliane Peres. E-mail: chrisramil@gmail.com

continuidade), sendo que a maioria delas não considerava o contexto em que as escolas estavam situadas e as relações sociais, produtivas e culturais estabelecidas nas comunidades. As políticas educacionais tratam a educação da cidade como parâmetro a ser seguido e a educação do campo como uma adaptação desta.

O campo precisa ser visto como ele realmente é, como um espaço de democratização, de inclusão social, composto por sujeitos de história e de direito, sujeitos sociais, culturais, éticos e políticos. Os processos formadores de alunos camponeses devem ser estruturados para que se construam políticas públicas eficazes e intervenções pedagógicas adequadas às escolas da região. A comunidade do campo não pode mais representar atraso em conhecimento, em relações sociais e em cultura. É necessário que as práticas docentes contemplem as necessidades e particularidades da população camponesa. Para isso, basta um pouco de criatividade aliada à vontade e uma boa dose de olhar para a realidade.

A escola do campo é um importante espaço na construção de práticas emancipatórias de democracia e de solidariedade. Ela precisa estar estreitamente vinculada à realidade, contribuindo para a formação de sujeitos responsáveis, capazes de identificar, analisar, compreender e resolver problemas, capazes de cooperar e, acima de tudo, que sejam possuidores de um comportamento ético.

Para tanto, é necessário adotar estratégias pedagógicas direcionadas e relacionadas com a realidade que cerca este tipo de escola. Os indivíduos em formação não podem ver nessa escola apenas uma possibilidade de sair do campo, mas sim uma instituição a serviço de sua comunidade, que valoriza, respeita e está disposta a construir conhecimentos que contribuam para a melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem na região. Talvez esse seja o grande desafio da escola do campo, contribuindo para recriar os vínculos de pertencimento dos sujeitos, para que estes se reconheçam como integrantes de uma comunidade e reconstruam a sua identidade com o campo, com o local em que vivem. No momento em que os sujeitos sentem-se pertencentes a um determinado território possuem sentimentos que lhes possibilitam um comprometimento com a realidade, respeitando suas potencialidades e seus limites.

Na constituição federal também encontramos o direito que incentiva o acesso à cultura e à arte, incluindo-se aí a literatura. Com isto, as escolas também têm o compromisso de oferecer, em suas atividades pedagógicas, práticas de leitura eficazes que mostrem significado, despertem interesse e cativem os alunos através das experiências com os livros.

As escolas têm formado leitores de símbolos, cidadãos capazes de diferenciar letras, de operar com símbolos matemáticos, reconhecedores de datas, enfim, indivíduos alfabetizados. Acreditamos que isto não basta, pois cada contexto tem as suas necessidades, cada comunidade tem suas particularidades e carrega uma pluralidade de conceitos, intenções e características, portanto não podemos formar cidadãos com a mesma leitura de mundo, não podemos formar indivíduos que limitam-se apenas ao que é ditado como padrão.

Aprender a ler, a escrever, alfabetizar-se é, antes de tudo, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não pela manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade (FREIRE, 1992, p.8). Paulo Freire é um defensor do direito à leitura. Segundo ele, a leitura é uma das formas mais eficientes para a inclusão social das camadas excluídas da sociedade. Um indivíduo que lê compreende melhor o contexto que o cerca e a partir dele é capaz de formular suas hipóteses e conclusões, sejam elas positivas ou não.

Não basta termos escolas no campo, queremos escolas do campo, ou seja, escolas com projeto político-pedagógicos vinculados às causas, aos desafios, à história e à cultura do povo trabalhador do campo, sem o estigma de inferioridade. Que essas instituições sejam acreditadas e que os alunos sejam vistos com as mesmas potencialidades que os da cidade, todavia com interesses e características diferentes e, ainda, que junto aos professores mediadores, tenham acesso à literatura e usufruam efetivamente de livros pelo menos na sua trajetória escolar, apesar das dificuldades enfrentadas pela educação no campo. Sendo assim, com este trabalho, pretende-se mostrar que é possível desenvolver práticas de leitura em comunidades escolares do campo e que isto pode ser um diferencial na vida dos envolvidos.

1 Caracterização da realidade: a educação no campo em Canguçu/RS

Os alunos, principalmente no início de sua trajetória escolar, têm grandes expectativas, esperam que a escola seja um lugar de descobertas e boas experiências. A escola deve aproveitar esta motivação e incentivar a leitura entre os alunos, desde pequenos, para que o ato de ler se torne uma prática constante e prazerosa. Freire propõe uma concepção de leitura que se distancia dos tradicionais entendimentos do termo como sonorização do texto escrito, defendendo que a leitura começa na compreensão do contexto em que se vive:

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se

prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1992, p.11-12).

A escola tem encontrado muitas dificuldades em formar leitores partindo de suas vivências, ou seja, vem falhando em fazer da leitura uma prática rotineira e agradável. Verifica-se, portanto, estudantes que chegam ao ano final do Ensino Fundamental sem o domínio da leitura, o que afeta diretamente na produção da escrita e na capacidade de argumentar e expressar-se.

Segundo Paulo Freire, “o ato de ler não se esgota na decodificação pura da palavra escrita, mas se antecipa e se alonga na inteligência do mundo” (FREIRE, 1992, p.11). Não podemos deixar de considerar que as experiências de vida e o conhecimento prévio são determinantes na compreensão das leituras realizadas. De acordo com suas vivências, seu ambiente formador, expectativas e compreensão de mundo é que o indivíduo encontrará significados acerca do lido. Ou seja, o ambiente onde o indivíduo está se desenvolvendo e o contexto no qual ele se insere são determinantes para compreensão do que ele leu e também para as escolhas do que vai ser lido.

O indivíduo que aproxima o leitor da leitura pode ser tratado de mediador, podendo ser qualquer um de nós, seja na família, na escola ou em qualquer outro espaço. O mediador é a "ponte" e o único requisito para isso é que ele acredite no potencial da leitura. As escolas necessitam de profissionais docentes que assumam a tarefa de serem "pontes" e, por isso, ações que incentivem e qualifiquem as mediações em sala de aula devem ser implementadas. Para Petit, o mediador “para transmitir o amor pela leitura, e acima de tudo pela leitura de obras literárias, é necessário que se tenha experimentado esse amor” (PETIT, 2008, p.145).

As práticas literárias devem ser adotadas desde a Educação Infantil, pois não é necessário o domínio do código linguístico para que as crianças tenham contato com a literatura e dela recebam aprendizados, façam relações de identidade, subjetividade e com sua realidade, atribuindo sentidos às narrativas lidas e escutadas.

Quando começamos a ler ou ouvir uma obra literária, começamos uma “viagem” que nos permite criar, interagir com o imaginário, nos faz experimentar sensações e percepções diversas. Todas essas experiências durante a leitura nos transformam, ou seja, quando iniciamos a leitura somos um e ao final do livro somos outro. Em contribuição a isso, Goulemot (1996, p.116) defende que “[...] ler, é fazer-se ler e dar-se a ler. Em outros termos, dar um sentido, é falar sobre o que, talvez, não se chegue a dizer de outro modo e mais claramente. Portanto, seria permitir uma emergência daquilo que está escondido”.

Conforme defende Paulo Freire (2000, p.155), “ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar”. Sendo assim, a escola do campo precisa estar preparada para repensar a leitura como um espaço de liberdade e não de controle. Com isso, é importante destacar também as considerações de Castrillón (2011, p.09), ao registrar que “a leitura - pelo que existe de individual e ao mesmo tempo de social - nos remete ao encontro das diferenças enquanto nos abre em liberdade para vivê-las em plenitude”.

As práticas não podem partir sempre do educador, as escolhas dos títulos a serem lidos devem acontecer de forma natural e pelos leitores, a avaliação escolar não deve ser um pretexto para que leitura aconteça. O educador que atua em escolas do campo deve conhecer a realidade, trabalhar com as diferenças, entender os problemas e potencialidades culturais e sociais que permeiam a comunidade onde a escola está inserida.

Considerando a temática discutida até então, este trabalho pretende contribuir com essas reflexões, através da apresentação de um projeto de práticas de leitura que vem sendo desenvolvido em uma escola do campo situada no interior do município de Canguçu, no sul do estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, assim como exibir alguns resultados já alcançados, que permitem uma avaliação das atividades realizadas e como elas podem repercutir na vida das crianças que frequentam esse ambiente escolar, e também na de seus familiares e amigos.

Segundo o IBGE, em dados de 2010, o município de Canguçu possuía 53.259 habitantes, entre os quais 33.565 estavam na zona rural, ou seja, mais de 63% da população morava e trabalhava no campo. Acredita-se que atualmente, em 2015, esses números sejam um pouco maiores. A cidade de Canguçu, distante cerca de 274 km da capital do estado Porto Alegre, é conhecida como a Capital Nacional da Agricultura Familiar e a população concentra-se no meio rural, trabalhando na agricultura em propriedades, que na maioria, não ultrapassam 25 hectares. São cerca de catorze mil propriedades rurais atualmente no município, que é considerado o de maior número de minifúndios do Brasil.

No campo, a educação básica é oferecida por escolas municipais e estaduais. Considerando-se apenas as escolas de Ensino Fundamental e Médio, o município de Canguçu conta com 31 escolas municipais (81% no campo e 19% na cidade) e 17 estaduais (76% no campo e 24% na cidade). Estes números comprovam o alto índice de escolas situadas no campo, em relação às localizadas na cidade, e como esses dados são relevantes.

Canguçu é dividido em cinco subdistritos, sendo que no segundo deles está localizada a Escola Estadual de Ensino Médio Alberto Wienke, instituição na qual foram realizadas as

práticas de leitura apresentadas neste trabalho. A referida escola situa-se na localidade do Herval, a 24 quilômetros da sede do município de Canguçu.

A partir dessa caracterização da região, ao refletimos sobre a relação das escolas do campo com as famílias dos alunos, é importante registrar que na comunidade Alberto Wienke, uma das maiores dificuldades enfrentadas no ambiente escolar é a forma como os familiares veem a educação, pois consideram a escola apenas como uma fase obrigatória na vida dos seus filhos e assim que esta se acabar, a “vida real” dos alunos começará, geralmente com trabalho braçal, nas propriedades de sustento familiar. Contribuir na desmistificação dessa ideia talvez seja um dos maiores desafios, principalmente dos professores desta localidade.

Com as práticas em sala de aula, a partir da observação, atuação e interação com os colegas e gestores, principalmente nas reuniões pedagógicas e nos encontros de formação continuada da escola, o seguinte problema tem sido recorrente: a dificuldade dos alunos nas expressões da linguagem (expressão oral, argumentação, vocabulário e produção da escrita). Acreditamos que entre as principais razões dessas dificuldades está a falta de motivação dos alunos para a leitura, pois sabe-se que muitas vezes em casa eles não têm este hábito, tampouco são incentivados e a família nem sempre “contagia” pelo exemplo.

É comum escutarmos de colegas professores, independente se trabalham em escolas do campo ou cidade, expressões como: “os alunos não gostam de ler” ou “os alunos não sabem interpretar textos”. Em contrapartida, os alunos queixam-se de que “é muito chato responder fichas de leituras e fazer resumos de obras indicadas pelos professores”. Essa crise de apontar culpados mostra um cenário preocupante, no qual os alunos encontram dificuldade de expressar-se tanto de forma escrita como oral, apresentam pouca familiaridade com a literatura e demonstram limitações na interpretação de textos e no vocabulário.

Os educadores da Escola Estadual de Ensino Médio Alberto Wienke justificam-se: “Eles não leem pelo seu contexto de alunos do campo, a leitura não os interessa e nem a família incentiva”. Por que a leitura não interessa aos alunos do campo? É preciso ser da cidade para ser leitor? Os alunos do campo não têm o mesmo potencial dos alunos da cidade? Caso a literatura disponível não interesse aos alunos do campo, qual interessa?

As escolas têm passado por uma séria crise em relação à leitura literária, e nas do campo evidencia-se um cenário bastante preocupante, pois o acesso à literatura impressa ou digital é ainda mais limitado que nas da cidade. Além deste fato, nota-se a falta de estímulo por parte da família, que talvez, não veja na leitura significação, o que repercute na ausência de motivos para incentivar seus filhos a lerem. Essas evidências permeiam também a

comunidade escolar Alberto Wienke, onde as dificuldades na escrita, expressão oral e argumentação são bem acentuadas. A fragilidade no desenvolvimento de práticas de leitura prazerosas, significativas e cotidianas pode ser uma das principais causas dessa situação.

Partindo deste problema, no intuito de se reverter ou ao menos reduzir a crise da leitura literária entre os alunos, foi desenvolvido um projeto de práticas de leitura, criado e efetivado pelo prof. Lucas Gonçalves Soares com as turmas que são de sua responsabilidade. As atividades desse projeto envolvem não apenas os alunos, mas também as famílias e em alguns momentos toda a comunidade escolar Alberto Wienke. As principais informações sobre o referido projeto, suas etapas e resultados, serão apresentados nos próximos itens.

2 Procedimentos metodológicos

Neste item serão apresentadas as principais características do projeto de práticas de leitura que vem sendo desenvolvido, com os procedimentos metodológicos adotados para efetivação das atividades propostas.

O projeto começou a ser desenvolvido pelo prof. Lucas Soares no ano de 2014 e foi implementado na turma de alunos do 5º ano da Escola Estadual de Ensino Médio Alberto Wienke, do interior de Canguçu, supracitada. Neste ano de 2015, devido à relevância da proposta e aos resultados positivos já obtidos com a primeira turma participante, o projeto segue sendo desenvolvido com outra turma, também de 5º ano, pelo mesmo professor.

Neste trabalho serão apresentados apenas os dados baseados nas atividades desenvolvidas com a turma de 2014, que se encontram finalizadas, pois neste ano os alunos estão sendo acompanhados por outra professora. Com a turma de 5º ano de 2015 o projeto segue sendo desenvolvido e deverá ser encerrado no final do ano letivo.

Sendo assim, a turma de alunos do 5º ano que participou das atividades de práticas de leitura elaboradas em 2014 era composta por 16 alunos, entre eles 7 meninos e 9 meninas, todos filhos de agricultores, na faixa etária de 9 a 13 anos. A maioria dessas crianças tinha pouquíssimo hábito de leitura e acesso escasso ou nulo aos livros de literatura em geral antes do projeto começar a ser desenvolvido em sala de aula, pelo professor.

O projeto, para poder ser desenvolvido, conta com um importante acervo de livros de literatura infanto-juvenil que é utilizado em todas as atividades implementadas. Tais livros são provenientes do acervo particular do prof. Lucas Soares e vêm sendo adquiridos, através de

compras ou doações diversas, há alguns anos e disponibilizados para utilização dos alunos que participam do projeto.

Atualmente, há cerca de 210 exemplares nesse conjunto de livros, com obras de temáticas e estilos variados, agregando os seguintes tipos: livro de texto (a história é narrada apenas por textos e não contém imagens), livro ilustrado (a história é narrada principalmente pelo texto e as imagens pontuam o texto), livro-álbum (a história é narrada pelo texto e pelas imagens, ambos com a mesma importância e trabalhando em conjunto, em patamar de igualdade). Os livros costumam ficar sempre armazenados em um armário na sala de aula.

Semanalmente, o professor Soares propunha aos alunos uma das atividades de prática de leitura pré-estabelecidas e, assim, todas foram sendo desenvolvidas várias vezes, com diferentes livros, durante o ano letivo, oportunizando desta forma às crianças uma interação constante com variadas obras e estimulando assim, o hábito de ler e ouvir narrativas. A seguir, serão apresentadas as atividades que integram o projeto, por itens:

2.1 Práticas de leitura literária

Nas atividades de práticas de leitura desenvolvidas pelo prof. Soares, o aluno vivenciava situações como leitor, ouvinte e ledor¹. Como ledor, o aluno lia o livro para a família, para um amigo ou para os colegas fora do ambiente escolar e também nos momentos intitulados "Hora da Leitura Literária" que aconteciam na escola, para outras turmas de alunos. As práticas envolvendo o aluno nas três posições (como leitor, ouvinte e ledor) visavam oportunizar experiências com várias formas de atuação e comportamento frente à leitura literária. Essas ações foram desenvolvidas em atividades diversificadas, para estimular os alunos no contato com os livros através de distintas propostas, tais como:

- a) Professor como ledor para a turma de alunos: O professor como primeiro incentivador, porta-se como ledor, mediando o contato do livro com as crianças e fazendo leituras orais das narrativas em ambientes diversificados, escolhidos por ele ou pelos alunos, que podem variar entre a sala de aula e outros ambientes da

¹ A concepção de "ledor" vem sendo discutida e defendida pelo grupo de pesquisa História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares - HISALES, coordenado pela Profa. Dra. Eliane Peres e vinculado ao Programa de Pós-Graduação (PPGE) da Faculdade de Educação (FaE) da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL), do qual os autores do artigo são integrantes. Com esta definição, compreende-se que a pessoa que lê uma história de literatura em geral para outras pessoas em voz alta, não é apenas "leitora" mas também "ledora" nesse momento de compartilhamento da narrativa com aqueles que a escutam. Tampouco seria adequado afirmar-se que ela é uma "contadora" de histórias, pois estaria contando uma narrativa, inédita ou não, sem a necessidade de ter o livro como suporte em mãos.

escola, inclusive nos arredores, em contato com a natureza, por exemplo. A Figura 01 exemplifica alguns momentos destas atividades.

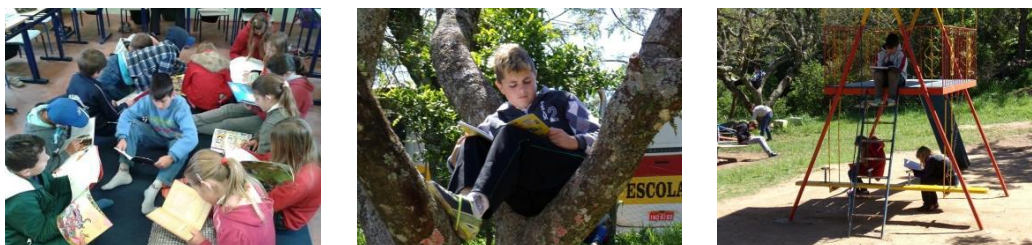
Figura 01 - Atividades de práticas de leitura - Professor como leitor para a turma de alunos.



Fonte: Acervo particular de Lucas Gonçalves Soares. Fotografias registradas em 2014.

- b) Alunos como leitores: Há momentos em que os alunos devem escolher livros do acervo disponibilizado, para realizar suas leituras individuais e silenciosas. Quando a turma está em seu momento de leitura silenciosa, no ambiente escolar escolhido, o professor também está em posse do seu livro, portando-se como leitor e realizando sua leitura silenciosa, pois desta forma aproxima-se a figura do mediador com os pequenos leitores. É importante destacar que quando as atividades ocorrem em sala de aula, o ambiente é preparado para esses momentos, com a colocação de tapetes e almofadas no chão e afastando-se as classes, para que os alunos se sintam mais confortáveis no espaço proporcionado e interajam mais livremente com os livros, sem barreiras físicas. Isto permite que a sua corporeidade e relação com o livro como suporte sejam exploradas de infinitas maneiras, através das variadas posturas adotadas pelas crianças durante a leitura. A Figura 02 registra algumas das situações ocorridas com essas práticas.

Figura 02 - Atividades de práticas de leitura - Alunos como leitores.



Fonte: Acervo particular de Lucas Gonçalves Soares. Fotografias registradas em 2014.

- c) Sacolas da Literatura: O aluno escolhe algumas obras, coloca na sacola da literatura e leva para casa, onde escolherá um momento e realizará uma leitura deleite com

sua família. Após isso, no diário também armazenado na sacola, registrará como foi a realização da atividade e como os familiares acolheram a atividade. Cabe registrar que as sacolas foram desenvolvidas com recursos artesanais e criadas especialmente para utilização no projeto, servindo de estímulo aos alunos, no ato de escolha e armazenamento dos livros nelas, para levar para casa. A Figura 03 mostra algumas destas atividades.

Figura 03 - Atividades de práticas de leitura - Sacolas da Literatura.



Fonte: Acervo particular de Lucas Gonçalves Soares. Fotografias registradas em 2014.

d) "Meu familiar vem ler para minha turma": A convite do professor ou a convite de um aluno, um familiar ou conhecido vai à escola e realiza a leitura de uma obra de sua preferência, na posição de leitor, conforme os exemplos vistos na Figura 04.

Figura 04 - Atividades de práticas de leitura - "Meu familiar vem ler para minha turma".



Fonte: Acervo particular de Lucas Gonçalves Soares. Fotografias registradas em 2014.

2.2 Produção de diários de vivências de leituras literárias

A partir das vivências das práticas de leitura, os alunos são orientados pelo professor a produzirem pequenos textos sobre a experiência, através de registros das práticas de sala de aula, os quais são realizados em diários individuais de cada uma das crianças. Geralmente o registro é feito no mesmo dia, logo após a leitura e, caso seja necessário ou a pedido do aluno para fazer um desenho ou melhorar a produção, o diário pode ser levado para casa e ser devolvido no dia seguinte. As mesmas propostas ocorrem com as produções textuais realizadas fora da escola, sendo que essas são registradas em diários coletivos, que acompanham cada sacola e que contém produções variadas, de todos os alunos. O aluno, de posse da sacola que escolheu, realiza os registros no diário que se encontra na mesma.

Essas são, então, as principais atividades do projeto de práticas de leitura que vem sendo desenvolvido com algumas turmas de alunos, na escola de campo Alberto Wienke. Deve-se levar em consideração que essas práticas de leitura estão em consonância com as teorias de Castrillón (2011), que defende que "[...] a leitura, em especial a leitura literária, não é um meio de lazer passivo, ao contrário, tem profundo sentido e valor" (p.65), e além disso, "[...] a leitura é um instrumento útil na transformação e organização de suas vidas" (p.64). Percebe-se ainda que, as atividades realizadas não apresentam complexidades de execução, e através das mediações criativas do professor, já têm proporcionado importantes resultados que contribuem para a afirmação de Castrillón, conforme os relatos expostos no item a seguir.

Considerações finais

Todas as etapas de procedimentos metodológicos do projeto supracitadas são avaliadas constantemente e seus resultados vão sendo analisados, no decorrer da evolução do projeto. O caminho ainda é longo para que tenhamos resultados mais abrangentes, contudo alguns efeitos já começaram a ser evidenciados, não apenas pelas pessoas diretamente envolvidas no projeto, mas pela comunidade escolar como um todo.

É possível perceber que estas simples e criativas ações proporcionadas pelo professor mediador em sala de aula com seus alunos já têm gerado importantes e positivas repercussões na vida dos envolvidos, entre as crianças que frequentam a escola, seus familiares e também com os demais profissionais atuantes da instituição. Com isso, tem sido possível “quebrar” com o estigma de que os alunos de escolas do campo não gostam de ler.

Desde que o projeto começou a ser desenvolvido e a apresentar resultados diferenciados, nota-se um outro comportamento em relação à leitura literária na Escola Alberto Wienke, pois os demais professores estão mais mobilizados e já estão desempenhando trabalhos semelhantes ao desenvolvidos nas atividades implementadas pelo prof. Lucas Soares, com alunos de outras turmas da mesma escola.

Observa-se também uma maior atenção aos espaços destinados à leitura, visto que a gestão está se mobilizando para organizar um espaço destinado apenas para leitura de livros e leituras individuais. Evidencia-se também uma maior participação dos familiares dos alunos nas práticas realizadas em suas casas e também nas práticas desenvolvidas na escola, verificando-se também uma maior preocupação na aquisição de livros para seus filhos.

Os alunos participantes do projeto estão cada vez mais mobilizados e envolvidos com as práticas de leitura e já trazem em suas argumentações a defesa à leitura. Nós, como educadores, notamos que a partir do desenvolvimento das atividades relacionadas à literatura, houve aperfeiçoamento nas produções dos alunos relacionadas à linguagem, o que comprova ainda mais que a leitura está diretamente relacionada com a escrita.

O educador de escolas do campo deve estar disposto a conhecer a comunidade onde vivem seus alunos, deve também estar preparado para mediar os conhecimentos escolares e as vivências dos alunos. Quanto à leitura, a postura não deve ser diferente, pois despertar o interesse para um livro depende muito da forma como é feita essa mediação, já que o educador/mediador precisa conhecer os interesses, as curiosidades de seus alunos para ter êxito em suas investidas em relação à leitura.

Para as práticas de leitura, seja na escola ou em qualquer outro ambiente, é necessário que o local utilizado esteja preparado, apropriado e adequado para incentivar os leitores. Quando pensamos nos recursos materiais e no espaço apropriado para a leitura, muitas são as limitações em nossas escolas, contudo, estratégias criativas e bem organizadas e com objetivos claros e bem definidos podem amenizar os obstáculos.

É possível investir em um ambiente organizado dentro da própria escola sem a necessidade de que seja este um grande espaço ou de que haja maiores investimentos financeiros. Pode-se utilizar a própria sala de aula, um carpete descartado após ter sido retirado de um quarto, três almofadas de um sofá da sala dos professores, vontade e iniciativa, que são suficientes e contribuem para um ambiente organizado e agradável para as práticas de leitura. O visual e o conforto do ambiente também é elemento motivador para que os alunos se sintam mais à vontade e interessados nas atividades que envolvam a interação com livros.

Com práticas de leituras visando a integração dos familiares é possível que em uma turma, com 20 alunos, lendo para/com seus familiares irá compartilhar com um universo de mais de 60 pessoas. Mesmo uma família pequena, conta com pelo menos 4 integrantes, e um aluno leitor em sua residência pode ler para mais três pessoas. Desta forma, a leitura passa a fazer parte do cotidiano dessas famílias, vislumbrando a formação de uma comunidade de leitores. Assim, a leitura poderá entrar nos lares de maneira simples e contagiante, em pouco tempo, agregando outras pessoas e proporcionando novas aprendizagens.

Existem duas posturas que podem ser adotadas pelo professor frente às práticas de leitura nas escolas, a primeira seria a de se conformar com as dificuldades como falta de livros apropriados, desinteresse dos alunos e falta de incentivo dos gestores e se acomodar diante de todos esses problemas e não realizá-las; enquanto a outra é a de adotar estratégias criativas e enfrentar as adversidades realizando tudo que for possível em prol da leitura. Escola e família que pretendem ter êxito na formação de leitores precisam investir na leitura. Quando se fala em investimento, este não é apenas financeiro, pois pode ser suprido efetivamente com criatividade, iniciativa e muita vontade dos envolvidos. Deve-se pensar em investimento de tempo, de preparação, de planejamento e de organização das práticas de leitura.

Um educador e uma escola, que desejam trabalhar no incentivo ao contato com a leitura literária, precisam estar envolvidos nesse propósito e estimular os alunos, familiares e amigos, oferecendo recursos variados que instiguem o ato de ler, pois assim possivelmente contribuirão para a autonomia dos leitores. Isso só poderá tornar-se realidade se o ambiente estiver preparado para este fim e contar com profissionais que acreditem no potencial da literatura e que invistam nas possibilidades de trabalho a partir dos recursos disponíveis na escola para que a leitura produza sempre novos sentidos na vida dos alunos.

Referências

CASTRILLÓN, Silvia. **O direito de ler e escrever**. Coleção Gato Letrado. São Paulo: Editora Pulo do Gato, 2011.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1992. (Coleção Polêmicas do nosso tempo)

_____. **Pedagogia da Esperança**: um encontro com a pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

GOULEMOT, Jean Marie. Da leitura como produção de sentidos. In: CHARTIER, Roger. **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

LOIS, Lena. **Teoria e Prática da Formação do Leitor:** Leitura e literatura em sala de aula. Porto Alegre: Artmed, 2010.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura:** uma nova perspectiva. São Paulo: Editora 34, 2008.